

DISCURSO DO PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO ACADÉMICA DO PORTO

Estamos aqui hoje, os que tomamos agora posse, porque aceitamos um desafio: o desafio de liderar uma Federação ímpar e uma estrutura de destaque no panorama associativo nacional. O desafio de fazer a FAP trabalhar «*de estudantes para estudantes*», sem fugir à sua identidade fundadora. O desafio de elevar a FAP um degrau acima.

Da FAP como estrutura política e estudantil espera-se que seja capaz de motivar e dinamizar os estudantes e as suas associações, a Cidade e a região em torno das questões que dizem respeito ao ensino superior e ao desenvolvimento económico e social.

Queremos assim que a FAP seja capaz de se constituir como plataforma de discussão com os mais variados quadrantes da sociedade, saindo da sua sede e indo ao encontro das instituições, identificando problemas conjuntos e apontando soluções partilhadas.

Não basta à FAP fazer bem: é necessário dar a conhecer o que faz. Não basta à FAP ser útil: é preciso também que as pessoas saibam e compreendam a sua utilidade. E a comunicação neste sentido não é exibicionismo, é um instrumento fundamental para desenvolvermos a nossa actividade chegando a quem realmente nos interessa chegar: os estudantes — é para eles que a FAP existe!

O mandato que hoje começa tem características próprias; e se «há um tempo para colher e um tempo para semear», este será um mandato que terá muito de colheita, mas que queremos que seja capaz de aproveitar a estabilidade da Federação para deitar sementes à terra, proporcionando vantagens de médio e longo prazo que outros deverão colher. Esta direcção acredita numa FAP pensada de forma integrada e com os olhos postos no futuro. Uma FAP de futuro!

A equipa que aqui hoje toma posse é uma equipa maioritariamente renovada: 7 das 9 pessoas que a partir de hoje constituem a Direcção da FAP nunca exerceram na Federação nenhum cargo; e outras duas não estavam cá há dois anos. Esta renovação foi uma escolha, não porque tenhamos menos respeito pelo passado ou pelos que nos antecederam, cujo trabalho respeitamos, mas porque periodicamente as instituições devem ser repensadas com novos olhos e ideias frescas. Os princípios e os objectivos serão os mesmos: mas queremos ir inovando na forma de abordar as questões, com os olhos postos no futuro!

Estamos bem conscientes das lições do passado que colhemos e é a partir dessa colheita que pretendemos representar o presente e preparar o futuro, nunca vendo a posição granjeada como garantida, mas antes como uma oportunidade que nos pode conduzir a um futuro melhor.

A Política Educativa e a Representação Estudantil são, naturalmente, como cerne da actividade da Federação, a terra onde plantamos. Como tal, a FAP deve ser uma estrutura capaz de saber ler os sinais políticos e de delinear estratégias com sentido de oportunidade política, bem como de orientar a agenda política associativa no sentido que considerar mais vantajoso para a defesa dos estudantes da academia do Porto, com vista a maximizar os seus resultados políticos — resultados que se traduzem em situações melhores e mais justas para os estudantes, sem porém abandonar nenhuma bandeira ideológica por questões de mera agenda ou oportunidade.

Não há êxito sem dedicação, nem dedicação sem abdicação: abdicação de tempos livres, abdicação de posições individuais, abdicação de prioridades pessoais. Será assim que trabalharemos, desenvolvendo o nosso trabalho sobre posturas informadas. Acreditamos que só posições tecnicamente competentes são fortes o suficiente para serem devidamente escutadas e consideradas, promovendo assim a FAP enquanto parceira na construção de um ensino superior de maior qualidade e fomentadora do desenvolvimento de Portugal.

Sabemos que *«o futuro do país se joga no ensino superior»* e devemos consolidar este sector como a via preferencial para a melhoria das condições socioeconómicas. É no Ensino Superior que se formam quadros de qualidade para a região e para o país, e que diariamente se levam as fronteiras do conhecimento um pouco mais além.

É no Ensino Superior que o investimento público se tem traduzido em melhorias mais significativas para a sociedade, sejam elas económicas ou humanísticas. Nenhum outro sector proporciona maiores ganhos de coesão social e possibilidades de mobilidade social.

É por isso que as instituições de ensino superior, mais do que terem o direito de serem percebidas e tratadas como um sector fundamental para o desenvolvimento nacional, têm o dever de ser essa alavanca socioeconómica, assumindo-se como pólos capazes da criação de sinergias com a sociedade civil e o tecido empresarial, e de em conjunto serem capazes de encontrar novas vias de promoção de emprego qualificado e criação de riqueza.

Todos reconhecemos que as universidades e os institutos são centros de saber com enormes valências. Cabe-lhes também então serem capazes de assumir que sem uma solução de compromisso, sem cumprirem o papel que lhes é devido e exigido, a região e o país não conseguirão dar a volta por cima. Hoje, a responsabilidade é de todos e de cada um. A FAP assumirá o seu papel e exigirá aos seus parceiros institucionais que também eles o façam. O progresso social e económico da região não deve ser apenas importante: tem de ser A prioridade!

Numa região onde o desemprego jovem é superior a 20%, a formação superior e a promoção do emprego qualificado é a única saída. Contudo, para estudarem muitos estudantes necessitam de um forte auxílio: não para que sejam privilegiados, mas para que partam de uma igualdade de oportunidades. Há quem lhe chame despesa com a acção social escolar, eu chamo-lhe um investimento no futuro.

A Acção Social Escolar é o sistema que, actualmente, permite a cerca de 80.000 estudantes valorizarem-se através da obtenção de um grau no ensino superior português. É um mecanismo potenciador da mobilidade social, para que imensos jovens possam ter um futuro mais promissor, e mais do que isso, é um instrumento de equidade e justiça social! O único critério diferenciador na educação e no ensino superior em Portugal deveria ser o mérito; a condição sócio-económica não pode continuar a ser critério diferenciador!

Muitos me dirão que a condição socioeconómica não é já hoje esse critério diferenciador; mas não adianta fugir, esconder ou negar: as bolsas de estudo continuam a chegar tarde e a más horas. Continuam estudantes a passar dificuldades e continuam estudantes a não ter condições económicas para frequentar o ensino superior; muitos endividam-se a longo prazo com empréstimos para obterem uma formação que lhes devia ser facultada por a ela terem direito. Os problemas com a acção social arrastam-se há tempo demais! E têm sido demasiadas as desculpas para tantos atrasos, demasiadas as desculpas para cortes. Por mais necessários que sejam estes cortes, não podem ser no único sistema que introduz equidade no acesso e frequência do ensino superior.

Esquecemo-nos, de forma reiterada que em tempos de crise a educação e a formação não são apostas, mas sim garantias de futuro. Garantias de um futuro melhor, mais sólido e com melhores condições para as gerações seguintes.

Uma educação de qualidade constitui uma alavanca para sair da crise. Assim é para nós claro que a educação, a formação e a investigação têm de ocupar o centro das políticas e serem uma prioridade no investimento público, principalmente numa Europa que anuncia que quer ser uma economia baseada no conhecimento e nas competências intelectuais.

De forma particular em momentos de poucos recursos como hoje, o futuro obriga-nos a pensar sobre formas de estimular o mérito das instituições e de aumentar a sua qualidade. No fundo, fazer mais, com menos. Obriga-nos a pensar não apenas em financiamento mas também e principalmente em boa gestão das Instituições de Ensino Superior e dos fundos públicos. O problema do ensino superior hoje não tem apenas a ver com falta de financiamento mas também com a sua gestão e com problemas estruturais da rede de ensino superior: a rede de instituições de ensino superior nacional precisa de ser repensada. É para nós difícil de acreditar que Portugal possua um número tão elevado de instituições face à população que tem, e que todas estas consigam ter a necessária qualidade pedagógica, científica e administrativa para se manterem em funcionamento.

Trata-se de uma área em que temos de pensar e definir estratégias tendo em consideração principalmente as questões da qualidade e financiamento. É à luz destas duas temáticas que a rede deve ser repensada. Assim, pede-se urgência e competência na avaliação dos ciclos de estudos.

É visível que existe na nossa rede uma elevada replicação de serviços e departamentos, que em nada contribui para a busca do hábito da excelência, nem para o necessário apuro da massa crítica dos nossos corpos docente e investigador: tais recursos organizacionais devem ser racionalizados e optimizados, sob pena de continuarmos no actual paradigma. A evolução necessita de engenho e estratégia. E falta hoje uma estratégia para a rede de ensino superior.

Consideramos que nesta área há ainda um grande caminho a percorrer, mas estamos dispostos a contribuir neste capítulo, que em muito pode contribuir para um salto qualitativo do ensino superior português.

Mas as reformas que faltam fazer não se ficam pela rede; porque Depois de um processo de Bolonha mal incorporado nos métodos de ensino-aprendizagem, a situação congelou, tendo-se ficado, como é do consenso geral, por uma intervenção superficial, faltando modificar muitas questões fundamentais. A mudança de um paradigma centrado no ensino para um focado na aprendizagem e na aquisição de competências tem de ter implicações na oferta curricular, nomeadamente na forma como os estudantes devem poder assumir a responsabilidade primeira pelas suas opções de formação. Acreditamos que os estudantes devem ter um número significativo de créditos a serem obtidos pela frequência de unidades curriculares de outros cursos, nomeadamente de outras unidades orgânicas ou instituições, desde que tal se justifique. É necessário permitir uma maior liberdade na escolha dos *curricula* por parte dos estudantes, incluindo mais disciplinas optativas nos ciclos de estudos, permitindo que o estudante oriente mais livremente a sua formação.

O combate aos problemas reais dos estudantes, como o insucesso escolar e as prescrições, que frequentemente redundam em abandono, serão prioritários para nós. Tudo faremos para evitar que continue a resultar em abandono escolar o investimento de recursos em dezenas de milhar de estudantes, apenas porque as instituições não se têm preocupado com as causas deste abandono, acabando por contribuir por omissão para as elevadas percentagens de abandono neste nível de ensino. Este é um caso que mostra bem que longo é o caminho que temos a percorrer, e que muito há a melhorar. De que serve reclamarmos mais dinheiro quando desperdiçamos recursos desta forma?

O abandono de estudantes no ensino superior é uma grande falha no nosso sistema, bem como o surpreendente desconhecimento que há sobre os números deste fenómeno, números esses que por sinal nem o MCTES aparentemente conhece.

Urge nesta matéria reconhecer a falha do sistema. Também aqui, procuraremos por um lado evidenciar problemas e por outro estudar e apontar soluções.

Outro problema que urgentemente temos de enfrentar é a empregabilidade dos graduados: acabar um ciclo de estudos e obter um emprego são dois momentos com cada vez menos relação entre si. E ainda menos, o agarrar de uma oportunidade condizente com as qualificações que apresentamos: não por culpa destas, mas pelo ambiente económico que todos conhecemos. Assim, só conheço um caminho para os estudantes que representamos poderem ter sucesso na sua vida profissional: serem os melhores! A qualidade da formação ministrada no Porto tem de ser a melhor. A mais completa. A mais competente. A competição é o que vamos enfrentar todos os dias, e só os melhores suplantarão os desafios. Temos de dotar os estudantes das nossas instituições das melhores competências, sejam elas técnicas ou sociais.

Mas a construção de um indivíduo é mais do que conhecimento técnico e por isso temos obrigação de providenciar aos estudantes qualidade de vida. E isso faz-se completando os seus percursos diários com cultura, desporto e interacção humana.

A FAP continuará a procurar que os estudantes do Porto vivam a sua passagem pelo ensino superior como um período em que cresceram e amadureceram. Como um período em que lhe foi possível adquirir hábitos de vida saudáveis, que desejamos que mantenham para o resto da vida e acesso a uma cultura a preços justos que lhes desperte o gosto pela mesma. Pretendemos que tenham um desenvolvimento integral enquanto seres humanos e que sejam socialmente interventivos e responsáveis. Queremos que os diplomados da Academia do Porto se destaquem, e sejam jovens capazes e interventivos.

Deixem-me dizer-lhes que de facto, também a FAP é uma estrutura jovem, demasiado jovem, alguns dirão, que prefeririam o aparecimento de estruturas alternativas. Fará este ano de 2011, 22 anos. Contudo tem demonstrado maturidade. A maturidade de uma instituição que sabe o que quer, que sabe dialogar, pressionar, colaborar e exigir. E assim continuará. Continuará a ser parceira do IPJ, mas exigirá mais e melhor na defesa dos interesses das associações e consequentemente dos estudantes. Os atrasos verificados nos pagamentos dos programas de apoio estudantil nos últimos anos resultam de erros de planificação na sua actividade, que queremos que acabem.

Continuará a ser parceira da Câmara Municipal do Porto, mas exigirá mais e melhor no cumprimento de compromissos assumidos, como o Pólo Zero. Um dossier que se arrasta há vários anos, mas que os estudantes, num momento em que a Baixa volta a “estar na moda”, certamente saberão valorizar.

Caros amigos, esta FAP é o desafio que hoje aqui assumimos. Uma FAP que não deixará de ter uma postura dialogante, sem deixar de ser activa na prossecução dos nossos interesses e na defesa da nossa missão.

E a nossa missão é esta FAP que é uma instituição de pessoas, e como tal não posso deixar de agradecer a algumas pessoas que a FAP é. Antes de mais, ao Ricardo, que hoje cessa funções como Presidente da FAP: Ricardo, a tua dedicação, a tua garra, a tua visão política, a tua determinação na defesa da FAP e dos estudantes, e principalmente a tua resistência e tenacidade são um exemplo. Construímos uma relação de amizade fruto do trabalho de equipa, fruto de muitas horas a debater, a construir posições, muitas horas em viagens de trabalho, ou simplesmente a conversar. Aprendi muito contigo e este ano permitiste-me crescer bastante. Assim, e porque sei que fui uma aposta pessoal tua para a direcção que hoje cessa funções, o meu sincero obrigado.

Uma palavra especial também para a Tânia, que nesta direcção cessante teve um papel fundamental, e sempre se mostrou disponível para me ouvir e me dar um conselho sensato. Á restante direcção que cessa funções, obrigado por me terem todos vocês incentivado a dar este passo e pelo tempo que dispuseram ao serviço da FAP.

Não posso também deixar de agradecer aos elementos da Direcção que hoje tomam posse comigo, que acreditaram em mim e comigo abraçaram este desafio com vontade, orgulho e determinação. Que comigo discutem opiniões, visões e projectos. Vamos fazer deste mandato um mandato de sucesso, de trabalho, e de dedicação. Vamos estar ao serviço dos estudantes. Acredito em vocês para levar a cabo aquilo a que nos propusemos. Precisamos de ser coesos, dedicados, íntegros e determinados. O desafio é grande, mas não será maior do que a nossa vontade!

Profunda gratidão tenho à minha família, por ser o pilar principal da minha construção enquanto ser humano, e que por ser uma família sólida e de valores me permitiram fazer o percurso até aqui. Quando o trabalho aperta ou quando as dificuldades parecem sobrepor-se às capacidades, é importante sentir a segurança familiar.

A quem me iniciou no associativismo, claro, também uma palavra de agradecimento. Primeiro ao Diogo e ao Luís, pelos conselhos, mesmo quando, e por vezes erradamente, não os segui. A vossa entrega, determinação e valores foram os pilares da minha formação enquanto dirigente associativo. Mais tarde chegaram o Gabriel, o Ricardo, o Leonardo, o outro Ricardo e o Tomás. Na verdade, devo muitos agradecimentos neste círculo, e é impossível referir toda a gente. O meu percurso foi feito ao vosso lado, e não me poderia nunca esquecer de vocês.

Agradecer finalmente também aos meus amigos de infância, por me apoiarem e incentivarem, bem como distraírem e divertirem, quando às vezes é preciso; aos amigos de faculdade, principalmente pelo apoio, mesmo quando falho a momentos de convívio, mas principalmente pela compreensão, e por estarem sempre dispostos a ouvir-me quando algo não corre como planeado; e a a todos os colegas que de uma forma ou outra me apoiaram quando decidi avançar para este desafio.

E é este desafio — a FAP — o desafio que hoje aqui aceitamos: o desafio de elevar a Federação que nos une, orgulha e representa.

É pelos estudantes que cá estamos, e é por uma Prioridade na Educação que trabalharemos.

Muito obrigado pela vossa presença...

Viva a Federação Académica do Porto!

Viva a Academia do Porto!